

Etnografia da ciência e acervos arqueológicos: o arquivo pessoal de Valentin Calderón e sua contribuição para a musealização das coleções no MAE/UFBA

Ethnography of science and archaeological collections: the personal archive of Valentin Calderón and its contribution to the musealization of collections at MAE/UFBA

Mara Lucia Carrett de Vasconcelos

Museu de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.
maralcv@ufba.br

Celina Rosa Santana

Museu de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil
celina.rosa@ufba.br

1

Resumo: O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA) tem uma relação atávica com Valentin Calderón, seu idealizador. O MAE/UFBA salvaguarda diferentes acervos relacionados a esse pesquisador: a coleção Valentin Calderón, uma das coleções de formação do Museu, e seu arquivo pessoal, incorporado mais recentemente. Nesse contexto, o objetivo desse artigo é discutir as potencialidades dos arquivos pessoais nos museus, dando enfoque à construção de biografias de pesquisadores como subsídio para a elaboração de biografias das coleções e sua preservação. Para isso, apresentamos e discutimos a ideia de biografia através da etnografia da ciência e identificamos as potencialidades do fazer biográfico na musealização do arquivo pessoal de Valentin Calderón. A partir da análise, compreendemos que o fazer biográfico se configura como uma ferramenta de grande potencial para a

musealização do arquivo pessoal e da coleção arqueológica de Calderón, oferecendo novas possibilidades de interpretação desses acervos e fornecendo dados para sua documentação, conservação e comunicação.

Palavras-chave: Etnografia da Ciência. Arquivo Pessoal. Coleção Arqueológica. Museu.

Abstract: The Museum of Archeology and Ethnology at the Federal University of Bahia (MAE/UFBA) has an intrinsic relationship with Valentin Calderón. In addition to his idealizing the Museum, MAE/UFBA safeguards two collections related to the researcher: the Valentin Calderón collection, made up of archaeological and personal objects, and his personal archive. In this context, the objective of this article is to discuss the potential of personal archives in museums, focusing on the construction of researchers' biographies as a subsidy for the preparation of collections biographies and their preservation. For this, we present and discuss the idea of biography through the ethnography of science and identify the potential and possibilities of doing biography in the musealization of Valentin Calderón's personal archive. From the analysis, we understand that the biographical making is configured as a tool with great potential for the musealization of Calderón's personal archive and archaeological collection, offering new possibilities for the interpretation of these collections and providing data for their documentation, conservation and communication.

Keywords: Ethnography of Science. Personal Archive. Archaeological Collection. Museum.

Recebido em 30 de abril de 2021

Aceito em 23 de maio de 2021

Introdução

No ano de 2013, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA) recebeu a doação do arquivo pessoal de Valentin Calderón através de uma doação de sua viúva, Lídia Calderón. Compõem esse espólio documentos e objetos que contam parte da história da Arqueologia, Antropologia e Museologia baianas entre as décadas de 1950 e 1980, e também do próprio MAE/UFBA (VASCONCELOS; SANTANA, 2016).

Em função da doação, o MAE/UFBA desenvolveu, à época, o projeto *Herança, memória e esquecimento: por uma musealização do espólio intelectual do arqueólogo Valentin Calderón*, que objetivava realizar a musealização dos objetos, ou seja, as ações de pesquisa, documentação, conservação e comunicação desse espólio. O referido projeto foi dividido em quatro subprojetos: *Conservação do acervo fotográfico e numismático* e *Conservação do acervo bibliográfico e documental*, desenvolvidos pelo Setor de Conservação; *Requalificação da documentação e exposição da coleção Valentin Calderón*, desenvolvido pelo Setor de Museologia; *Por uma cartografia arqueológica de Valentin Calderón*, desenvolvido pelo Setor de Arqueologia; *Valentin Calderón: da escrita na pedra ao texto virtual*, desenvolvido pela Direção da instituição¹ (VASCONCELOS; SANTANA, 2016).

Uma das primeiras ações a serem executadas no âmbito do projeto foi um arrolamento inicial, cuja contagem resultou em 3.838 itens. Dentre as categorias de documentação relacionada à pesquisa arqueológica proposta por Fowler e Givens (1995)², podemos identificar a presença numerosa de documentação de proveniência, como cadernos de campo, fichas e fotografias, de documentação administrativa, como lista de materiais, orçamentos,

1 - Cláudio Luiz Pereira, que ocupou o cargo entre 2013 e 2017.

2 - De acordo com Fowler e Givens (1995), a documentação originada pelas pesquisas arqueológicas pode ser classificada em quatro categorias: provenience documentation, analytic documentation, administrative documentation e projects reports.

correspondências e memorandos, bem como de relatórios dos projetos. Ainda no âmbito da Arqueologia, o arquivo possui também artefatos líticos e cerâmicos e amostras de sedimentos.

Para além da documentação relacionada diretamente às pesquisas arqueológicas, o arquivo de Calderón é composto também por muitos documentos e objetos pessoais, como diplomas, passaportes e obras de arte, por documentos relativos a outras unidades da UFBA e também a outras instituições em que o pesquisador atuou, e ainda por muitos recortes de jornais. Como apontou Vasconcelos (2014, p. 3), “a coleta desta ampla variedade documental – só de fotografias, por exemplo, foram contadas mais mil unidades – denota um grande esforço colecionista, e conseqüentemente, preservacionista por parte do cientista”.

Os arquivos pessoais são fontes primárias de grande potencial para a pesquisa. Nesse sentido, a execução dos projetos mencionados trouxe reflexões importantes sobre as coleções e arquivos já existentes no museu e sobre a influência da trajetória de vida de Valentin Calderón. Nem todos os objetivos e resultados dos projetos mencionados, no entanto, foram alcançados, restando ainda um extenso trabalho de musealização a ser realizado. Buscaremos aqui explorar as possibilidades de uso do espólio de Calderón, pensando de que maneira a construção de sua biografia e também da biografia de sua coleção arqueológica podem se configurar como ferramentas para a musealização³.

História de vida de pesquisadores: possibilidades para o fazer biográfico

Falar de história de vida é pressupor que a vida é uma história que pode ser relatada. A ideia de Bourdieu (1998) traz, camuflada

3 - A ideia para este artigo tem origem em um projeto para seleção de doutorado elaborado por Mara L. C. de Vasconcelos e apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia (PPGA/UFBA) em outubro de 2014.

em sua obviedade, a complexidade existente no fazer biográfico: é possível contar a vida de um indivíduo? Por que alguns indivíduos se destacam a ponto de ter suas vidas relatadas? É possível biografar os mortos? É possível acessar o *self*? Há muitos limites no biografar, mas há também muitas possibilidades de produção do conhecimento.

As biografias aparecem na história em muitos períodos e culturas desde a antiguidade clássica, mas é somente a partir do século XVI, entretanto, que estas começam a aparecer de forma mais prolixa, ainda que apresentassem abordagens muito diferenciadas das atuais (BURKE, 1997). Antes de caráter literário, por vezes panegírico ou ficcional, a biografia, com o passar do tempo, foi adquirindo caráter científico, e alcançando o *status* de método de pesquisa em disciplinas tradicionais como a História. Hoje, ao fazer biográfico já foi atribuída a liberdade de transitar entre história e narrativa (LEVI, 1998), tornando este mais palatável para ser apropriado por diversas outras áreas do conhecimento.

Quanto ao conteúdo, Levi (1998) classificou as biografias em: biografia modal, aquela que se utiliza da história da vida essencialmente para ilustrar um tempo e espaço específicos; biografia relacionada ao contexto, aquela na qual a história individual se entrelaça de forma equilibrada com a história coletiva; biografia relacionada a casos extremos, marcada pela excepcionalidade de história de vida individual; e a biografia relacionada à hermenêutica, sendo esta ligada à antropologia interpretativa.

Dosse (2009) denominou de forma semelhante os tipos de biografia, porém as categorizou em função de seus períodos históricos, dividindo-as em três fases: um primeiro período que denomina idade heroica, no qual as biografias buscavam a transmissão de modelos e valores; um segundo período que

chama de modal, em que as biografias eram utilizadas como ilustração da sociedade; e um terceiro período chamado idade hermenêutica, marcado pelo uso da biografia pela História e por outras disciplinas, como a Sociologia e a Antropologia.

Percebe-se que ambos os autores, ao classificarem as biografias, engessam a relação indivíduo-contexto em um tipo específico de fazer biográfico. O próprio Levi (1998, p.180), entretanto, aponta que “há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto”, ou seja, todo o tipo de fazer biográfico envolverá, de forma indissociável, a abordagem do indivíduo em seu contexto; cabe ao biógrafo optar pela forma como isto se dará, se com menor ou maior peso. A pretensão de realizar uma biografia sem a compreensão de que uma vida acontece a partir de interações em diferentes espaços e tempos, por sua vez, poderá resultar no que Bourdieu (1998) denominou “ilusão biográfica”.

Uma das possibilidades, ao se conceber a biografia de um pesquisador no contexto da Antropologia, recai sobre a realização de uma etnografia do conhecimento ou, de forma mais específica, de uma etnografia das ciências. Consagrada pelos estudos de Bruno Latour, a etnografia das ciências postula a utilização do método etnográfico para a obtenção de dados e o consequente entendimento do fazer científico, concebendo este enquanto construção de conhecimento e não como fato adquirido. Diferentemente da etnografia clássica, a etnografia das ciências não atua em ou a partir de um território, mas sim se apresenta como uma rede, em cuja trama estão diversos locais e atores, e cujos informantes são os próprios cientistas (LATOURE e WOOLGAR, 1997).

É possível, então, pensar a trajetória de um pesquisador a partir de algumas das regras metodológicas e dos princípios estabelecidos para a etnografia das ciências por Latour no livro *Ciência em ação* (2000). O autor credita a legitimação do que é

produzido pela ciência e pelos cientistas à sociedade; neste mesmo sentido, os membros desta sociedade também atuam como atores na construção da ciência, ainda que não diretamente como os cientistas. Latour se remete, também, à importância da burocracia e de seus produtos – “papeis, arquivos e fichas”, para os estudos sociais das ciências, “[...] porque é por meio da burocracia e por dentro dos arquivos que os resultados das ciências viajam para mais longe” (2000, p. 415).

A partir destes pontos propostos por Latour, a biografia de um cientista, sob a ótica da etnografia das ciências, passaria pelo exame atento não somente de sua pesquisa, mas também do contexto em que esta é ou foi realizada, pelos diversos agentes envolvidos na produção e divulgação do conhecimento e pela gama de evidências materiais produzidas pela experiência científica. É nesta categoria, de evidência material da ciência, que os arquivos pessoais de cientistas e pesquisadores podem ser enquadrados. Em uma analogia mais direta com o método etnográfico, o arquivo se configura como o campo e os documentos como os informantes (FREHSE, 2005).

Pensados a partir de uma perspectiva interpretativa, os arquivos pessoais se configuram como universos, a serem abordados em suas dimensões textuais e simbólicas como lugares de encontro – nem sempre pacífico – entre culturas e saberes (HEYMANN, 2013). Neste sentido, um arquivo pessoal pode ser explorado não apenas em seu caráter material de evidência de vida de um indivíduo, mas também – e senão principalmente – de forma a compreender relações e contextos, sejam estes institucionais, históricos, sociais ou de outra natureza. É tamanha a vida própria deste universo de documentos que já vem sendo trabalhada, inclusive, uma “biografia dos arquivos” ou uma “etnografia dos arquivos” (HEYMANN, 2013).

Neste mesmo contexto, é importante ressaltar que os arquivos pessoais são construções, e que, portanto, possuem caráter processual. As fontes, no entanto, não informam a respeito destes processos, e sim a respeito dos resultados dos atos, podendo levar a raciocínios lineares e por vezes simplistas de causa e consequência (LEVI, 1998). Os documentos, porém, não possuem neutralidade e, apesar de pleitearem uma legitimidade intrínseca, há neles uma gama de verdades questionáveis.

Ao mesmo tempo, há também ausência de neutralidade na seleção de determinadas coisas para a composição dos arquivos pessoais. O arquivista de si mesmo é, antes de tudo, um selecionador. No processo de construção de um arquivo pessoal, está imbricada também a construção de uma imagem de si, para si e para os outros (ARTIERES, 1998). No caso particular dos arquivos pessoais de pesquisadores, cientistas e intelectuais, a intenção autobiográfica e de autorrepresentação torna recorrente a acumulação de evidências das obras, mas não de evidências da vida. É como se estas duas instâncias, vida e obra, ocupassem diferentes dimensões do indivíduo, quando, em realidade, deveriam estar articuladas (DOSSE, 2009).

O acesso ao âmbito pessoal da vida do biografado se torna ainda mais dificultado quando o objetivo é biografar os mortos. Nestes casos, o biógrafo, que não pode contar com o depoimento do próprio indivíduo, está aprisionado a outros testemunhos, como as falas de outros indivíduos, os documentos oficiais e não-oficiais e os contextos históricos (VILLAS-BOAS, 2008).

“Vais trabalhar com objetos antigos, estudar história, fazer muitas viagens”: Valentin Calderón, seu arquivo pessoal e a relação com a coleção arqueológica

A fala que intitula esta seção foi proferida por Calderón a sua então discípula e hoje museóloga Maria Célia de Moura Santos, no dia de sua matrícula, quando lhe explicava a respeito do currículo e das atividades do Curso de Museologia da UFBA (SANTOS, 2002, p. 8). Ela talvez resuma, de modo sucinto mas acertado, a trajetória profissional de Valentin Calderón na Bahia: uma vida que parece ter sido vivida dentre sítios, museus e coleções, o que se expressa de maneira evidente em seu arquivo pessoal.

Desde sua chegada ao Brasil, no ano de 1949, Valentin Calderón atuou em diversas frentes para a preservação do patrimônio cultural. Iniciou suas atividades como professor do Instituto de Cultura Hispânica da Universidade Federal da Bahia e em seguida docente do Instituto de Ciências Sociais, onde criou, em 1962, o Laboratório de Arqueologia, iniciando a partir de então suas pesquisas arqueológicas no país. A partir daí, atuou em diferentes regiões da Bahia e também nos estados de Sergipe e Rio Grande do Norte, desenvolvendo importantes projetos como, por exemplo, o salvamento arqueológico decorrente da construção da Usina Hidrelétrica de Sobradinho, no município de mesmo nome, no estado da Bahia.

No mesmo período, Valentin Calderón foi membro do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), projeto coordenado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e pelo Smithsonian Institution, e que tinha como objetivo realizar um mapeamento dos sítios arqueológicos existentes nas cinco regiões do Brasil. Calderón foi um dos responsáveis pela pesquisa na região Nordeste.

Em 1969, após a extinção do Laboratório de Arqueologia, Calderón propôs à Reitoria da Universidade Federal da Bahia a criação do Museu de Arqueologia e Etnologia (PASSOS, 1999). Embora o ato de criação do MAE/UFBA ainda não tenha sido encontrado, há indícios de que nessa época o Museu já estava formalizado junto à Universidade, como aponta Vasconcelos (2020),

Recentemente, a equipe do MAE encontrou um ofício de 24 de novembro de 1969 no qual o então reitor, Roberto Santos, fala sobre a vinculação dos órgãos suplementares da UFBA e solicita ao arqueólogo da instituição, Valentin Calderón, “a elaboração do novo Regimento do órgão”. Abaixo do nome do destinatário, aparece escrito “Museu de Arqueologia”, dado que indica que na data do referido ofício o MAE/UFBA já existia oficialmente dentro da Universidade (VASCONCELOS, 2020, p. 117).

O museu, porém, somente seria inaugurado no ano de 1983, três anos após o falecimento de Calderón, quando foi instalado no subsolo do prédio da Faculdade de Medicina, nas ruínas do antigo Colégio Jesuíta.

As ações de Calderón no Brasil não ficaram somente restritas à Arqueologia. O pesquisador espanhol foi responsável por diversas outras atividades: foi diretor do Departamento Cultural da UFBA, tendo criado o Centro Editorial e Didático da UFBA, em 1967; criou o curso graduação em Museologia da UFBA, em 1969, sendo este o primeiro curso da área das regiões Norte e Nordeste do país (TANUS, 2013); criou a Associação de Arqueologia e Pré-história da Bahia, em 1974; foi diretor do Museu de Arte Sacra da UFBA, em 1976, e da Fundação Cultural do Estado da Bahia, em 1977; dentre outras.

A produção bibliográfica de Calderón soma mais de 30

publicações, entre Espanha e Brasil. Dentre elas, artigos em revistas e livros sobre arqueologia, arte sacra e artes plásticas em geral, além de inúmeras colaborações para jornais de circulação local e nacional. Destaca-se o livro *O Sambaqui da Pedra Oca* (CALDERÓN, 1964), um dos primeiros trabalhos de arqueologia sobre a pré-história brasileira.

Martin (1996), entretanto, afirma que

A obra publicada por Calderón é pequena, se levarmos em conta suas atividades de campo, e hoje a perda da identidade e da filiação de muitos dos materiais arqueológicos, produtos de suas numerosas prospecções e escavações, representam um prejuízo irreparável para a arqueologia do Nordeste (MARTIN, 1997, p. 40).

Nesse contexto, o arquivo pessoal de Valentin Calderón oferece diferentes caminhos para a valorização e divulgação de suas pesquisas não somente no âmbito da Arqueologia, mas também da Museologia e dos estudos sobre patrimônio. Um desses caminhos é a utilização do método biográfico como ferramenta para a compreensão das dimensões textuais e simbólicas mencionadas por Heymann (2013).

O arquivo pessoal de Valentin Calderón: potencialidades para a musealização

Segundo Macêdo e Oliveira (2019), há muito os documentos pessoais são reconhecidos como patrimônio. De acordo com as autoras, foi dentro das bibliotecas e museus que os arquivos pessoais adquiraram o caráter de coleção, ao contrário da ideia de tratamento por fundo, característica da Arquivologia. É nesse

tratamento item a item que esses arquivos, dentro dos museus, permitem a diversificação de olhares e interpretações, tanto pelos profissionais quanto pelo público. Uma das questões fundamentais relativas ao arquivo pessoal de Calderón, nesse sentido, passa pela maneira como o Museu irá categorizar esse espólio, se a partir da perspectiva arquivística ou museológica.

Na história do MAE/UFBA, o tratamento dado aos documentos associados às pesquisas e às coleções já passou por diferentes momentos institucionais. Conforme o Relatório de Atividades - Inventário de coleções arqueológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia⁴, o antes existente Centro de Documentação (CD-MAE) foi substituído em 2004⁵ pelo Núcleo de Documentação e Referência (NDR/MAE/UFBA), cujo escopo incluía também a preservação dos acervos documental e bibliográficos do Museu. Nesse momento, foi criado o Arquivo Institucional, apontado como “de caráter especializado, histórico e museológico”, e no qual os documentos vieram a ser classificados em conjuntos – séries e subséries⁶.

Em 2014, o NDR teve parte de seu núcleo modificado. Em função da falta de espaço para armazenamento e também pela escassa procura para consulta, a coleção bibliográfica foi doada à Biblioteca Central da UFBA. O NDR, assim, passou a salvaguardar somente o acervo documental. É no NDR que estão organizados os documentos pertencentes à coleção Valentin Calderón do MAE/UFBA, como relatórios dos sítios descobertos e escavados, cadernos de campo, relação de material coletado, fotos e negativos, dentre outros, em uma subsérie que leva o mesmo nome da coleção.

Embora pareça natural que o arquivo pessoal de Calderón fosse incorporado a essa subsérie, é importante ressaltar que

4 - Relatório interno MAE/UFBA.

5 - Gestão de Carlos Alberto Caroso e Suely Moraes Cerávolo.

6 - A organização do Arquivo institucional foi realizada no âmbito do projeto de pesquisa “Organização da informação dos acervos arqueológicos e etnográficos do Museu de Arqueologia e Etnologia”, coordenado por Suely Moraes Cerávolo e financiado pela FAPESB entre 2005-2007.

o mesmo não é composto somente por documentos. Nesse sentido, será necessário compreender qual a melhor maneira de trabalhá-lo, se como subsérie ou coleção, ou ainda como ambos, a partir da fragmentação do espólio. Pensá-lo somente a partir da perspectiva arquivística, no entanto, talvez não permita explorar sua potencialidade de maneira mais adequada ao Museu.

Apesar de já haver no NDR/MAE/UFBA documentação de proveniência e relatórios de pesquisas arqueológicas, o arquivo pessoal traz novos elementos para serem associados aos dados já existentes sobre os artefatos. A documentação administrativa existente no arquivo é riquíssima, e confere outra dimensão aos objetos coletados. Em um correspondência entre Calderón e Clifford Evans, publicada no Boletim Informativo do MAE/UFBA, é possível identificar fatores que podemos pensar serem secundários, mas que de fato acabam por reverberar na pesquisa, nas escolhas metodológicas e na coleta de objetos, como, por exemplo, os autores com os quais Calderón estava tendo contato no momento, as dificuldades técnicas das idas a campo, o envio de amostras para datação (e a suposição de uma possível negativa por parte do Smithsonian Institution em realizar a análise) e seu desejo de abandonar outros compromissos para se dedicar somente à Arqueologia (CALDERÓN, 1969).

O espólio também se caracteriza como instrumento para contar a trajetória do próprio Valentin Calderón, através do qual se pode construir uma história intelectual do pesquisador. Nesse contexto, é fundamental lembrar que a realização de uma biografia de Calderón segue o que foi apontado por Levi (1998): diz respeito não somente ao pesquisador, mas também ao contexto em que este viveu. Como mencionado por Macêdo e Oliveira,

Esses conjuntos documentais singulares, em sua personalidade, simbolizam também a conexão dos seus produtores com a sociedade, assim como representam os diferentes segmentos e setores dessa sociedade em um determinado período histórico. Toda essa construção se dá sob um traço cultural e, dialeticamente, contribui para a construção e o acesso a um determinado patrimônio cultural (OLIVEIRA; VASCONCELLOS, 2015, p. 09).

A pesquisa no arquivo de Calderón possibilitará a complementação de informações referentes ao acervo arqueológico, abrindo novas possibilidades no que diz respeito à leitura e interpretação destes materiais, o que pode reverberar diretamente na comunicação museológica, em especial nas exposições.

Como já apontado por Vasconcelos e Santana (2016), a preservação dos acervos arqueológicos envolve também a preservação dos documentos associados aos objetos, ou seja, das informações originadas pela pesquisa arqueológica. Essas informações associadas podem estar em diferentes suportes, cada qual com sua especificidade no que se refere à preservação, como no caso do arquivo de Calderón, e

neste contexto, as instituições de salvaguarda, como os museus de arqueologia, devem atentar para a inclusão de políticas de acervos que contemplem também a variedade documental destes arquivos (VASCONCELLOS; SANTANA, 2016, p. 330).

O arquivo pessoal de Calderón também oferece elementos fundamentais para a construção conjunta de uma biografia da coleção arqueológica originada pelo pesquisador. A elaboração

de biografias das coleções têm sido uma ferramenta utilizada pelo Setor de Conservação para compreender o estado atual dos objetos. Recentemente, a equipe do Setor elaborou uma pesquisa a respeito da formação de outra coleção do MAE/UFBA, a coleção Pedro Agostinho, e pode verificar na prática a potencialidade desse método para a identificação do histórico dos processos de coleta e musealização dos objetos e sua influência no estado atual de conservação dos mesmos.

Ao mesmo tempo em que o fazer biográfico a partir do arquivo pessoal de Calderón oferece possibilidades de pensar e repensar a musealização de seu acervo, o mesmo também possibilita a análise de questões do âmbito institucional, que a partir da construção das biografias de pesquisador e coleção se mostram estruturais. Aqui nos referimos, especialmente, a lacunas e descontinuidades que aparecem, implícita ou explicitamente, em muitos documentos do arquivo, e que ainda repercutem na atualidade do Museu.

Conforme apontou Dosse (2009), os arquivos pessoais dos pesquisadores e cientistas costumam evidenciar mais a obra do que a vida do indivíduo. No arquivo pessoal de Calderón, visualizamos facilmente sua trajetória intelectual e científica através dos documentos que o compõem. No entanto, é possível também se aproximar do indivíduo, lendo-o nas entrelinhas. Podemos pensar, assim, no espólio pessoal de Calderón como a linha que divide e ao mesmo tempo aproxima o profissional e o pessoal.

Considerações finais

Esse artigo buscou discutir as potencialidades dos arquivos pessoais nos museus, especialmente no que se refere aos processos de musealização das coleções, tendo como base a etnografia das ciências e o fazer biográfico. Para tanto, apresentamos o caso do arquivo pessoal de Valentin Calderón, salvaguardado pelo

MAE/UFBA, que desde 2013 vem passando pelo processo de musealização dentro da instituição.

Arquivos pessoais e coleções de museu se configuram como estratégias para a perpetuação de algo, cada qual a sua maneira. Como construções elaboradas para projeção de determinada imagem, na qual se confundem intenção autobiográfica e intenção de autorrepresentação, os arquivos pessoais são criados a partir de seleção e exclusão. Da mesma maneira que as demais coleções de museu, os arquivos pessoais são fruto de um recorte, e podem levar também a uma compreensão unívoca por parte de quem os lê. Nesse sentido, se faz indispensável que a utilização do método biográfico para pensar Calderón, seu arquivo e sua coleção leve em consideração essa não neutralidade, a fim de evitar a armadilha de se contar uma única narrativa a respeito dos acervos.

Valentin Calderón, com sua veia colecionista e preservacionista, legou ao MAE/UFBA ambas as construções, deixando ao Museu tanto sua coleção arqueológica como seu espólio pessoal. A partir do ingresso do arquivo pessoal na instituição, ficaram evidentes tanto sua potencialidade como fonte de pesquisa como sua complexidade. Dentro os caminhos possíveis para pensar a musealização do arquivo pessoal de Calderón, propomos aqui analisar as possibilidades oferecidas pelo fazer biográfico.

Compreendemos, a partir dessa análise, que pensar os arquivos pessoais e coleções de museu no âmbito da etnografia das ciências, e mais especificamente a partir do método biográfico, ilumina as potencialidades destes acervos no que se refere à sua musealização. Assim, é possível pensarmos na biografia como método que confere sentido não somente ao arquivo pessoal de Calderón, mas também a sua coleção arqueológica, ao fornecer elementos para as ações de documentação, conservação e comunicação.

De maneira mais ampla, compreender a história de vida de Valentin Calderón é também compreender a história do MAE/UFBA. Nesse contexto, entendemos que biografar Calderón, seu arquivo pessoal e sua coleção arqueológica, além de possibilitar uma compreensão mais aprofundada desses acervos, também possibilitará uma compreensão mais aprofundada da própria instituição.

Referências

ARTIERES, P. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos: Escrita de si, escrita da história**, v. 11, n. 21, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 25 jun. 2021.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 183-191. Disponível em: http://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/BORDIEU_Pierre-A_ilusao_biografica.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.

BURKE, P. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997. p. 83-98. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2038>. Acesso em: 25 jun. 2021.

CALDERÓN, V. **O sambaqui da pedra oca**: relatório de uma pesquisa. Salvador: Universidade da Bahia, Instituto de Ciências Sociais, 1964.

CALDERÓN, V. **[Correspondência]**. Destinatário: Dr. Clifford Evans. Salvador, 21 de julho de 1969. *In*: Boletim Informativo do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 8, ano 4, ago 2014 - jan 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19078/1/Ago%20Jan%202015final.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

DOSSE, F. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

FREHSE, F. Os informantes que jornais e fotografias revelam: para uma etnografia da cidadania nas ruas do passado. **Revista Estudos Históricos: Antropologia e Arquivos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 36, p. 131-156, 2005. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2247>. Acesso em: 25 jun. 2021.

FOWLER, Don D.; GIVENS, Douglas R. The records of archaeology. In: SILVERMAN, Sydel; PAREZO, Nancy J. (orgs.). **Preserving the anthropological record**. Chicago: Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, 1995. p.97-106. Disponível em: https://copar.umd.edu/wp-content/uploads/2019/08/par9_fowler_givens.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.

HEYMANN, L. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, I.; ROUCHOU, J.; HEYMANN, L. **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 67-76.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2000. 439 p.

LATOUR, B; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Tradução de Angela Ramalho Viana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LEVI, G. Usos da Biografia. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p.167-182.

MACÊDO, Patricia Ladeira Penna; OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso. Arquivos pessoais e teoria arquivística: o arranjo como uma função de pesquisa. In: CAMPOS, José Francisco Guelfi. (org.). **Arquivos pessoais: experiências e perspectivas [recurso eletrônico]**. Associação de Arquivistas de São Paulo. São Paulo: ARQ-SP, 2019, p. 108-127. Disponível em: <https://www.arqsp.org.br/wp-content/uploads/2019/05/CAMPOS-2019-Arquivos-pessoais-experi%C3%aancias-e-perspectivas.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste**. 2. ed. Recife: Editora Universitária, 1997. 450 p.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; VASCONCELLOS, Eliane. Apresentação. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; VASCONCELLOS, Eliane. **Arquivos Pessoais e cultura: uma abordagem interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/handle/20.500.11997/12379>. Acesso em 25: jun. 2021.

PASSOS, A. M. O. **Projeto de pesquisa histórica da coleção Valentin Calderón**. Monografia (Graduação). Departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1999.

SANTOS, M C. M. Reflexões museológicas: caminhos de vida. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 18, n. 18, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2002. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/35>. Acesso em: 25 jun. 2021.

TANUS, G. F. S. C. A trajetória do ensino da Museologia no Brasil. **Museologia e Interdisciplinaridade: Revista do Programa Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília**, vol. 2 n. 3, maio/junho, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16688>. Acesso em: 25 jun 2021.

VASCONCELOS, Mara Lúcia Carrett de. O espólio intelectual de Valentin Calderón: do gabinete ao museu. **Boletim Informativo do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 7, ano 2, fev/jul de 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18506/1/Boletim%20Informativo%20MAE-7edicao.pdf>. Acesso em: 25 jun 2021.

VASCONCELOS, Mara Lúcia Carrett de; SANTANA, Celina Rosa. Arqueologia e documentos associados: a conservação do arquivo pessoal de Valentin Calderón. In: Seminário Preservação do Patrimônio Arqueológico, 4, 2016, Rio de Janeiro. **Anais do IV Seminário Preservação do Patrimônio Arqueológico**. Rio

de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016. p. 317-330. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_anais_ivsppa/pdf/04/20%20texto_completo_arqueologia-e-documentos-associados-a-conserva%c3%87%c3%83o-do-arquivo-pessoal-de-valentin-calder%c3%93n-3_revisado.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.